



REFLEXÕES SOBRE O GLOBAL E O LOCAL NO MUNDO ANTIGO: ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. HANS BECK (UNIVERSIDADE DE MÜNSTER - ALEMANHA)

Entrevista concedida à Dra. Juliana Figueira da Hora – pós doutoranda –
Universidade de São Paulo (USP).

Hans Beck é Professor e Chefe do Departamento de História Grega Antiga da Universidade de Münster – Alemanha, é Professor Adjunto na Faculdade de Artes da Universidade Mc Gill em Montreal – Canadá. Suas áreas de especialidade são: Grécia Arcaica, Clássica e República Romana. Atua nos Projetos ligados aos temas: localismo na Grécia Antiga; Encontros com Elites e Antiguidades globais. O renomado historiador trabalha com historiografia e pensamento crítico na Antiguidade e no Mediterrâneo como um todo, na tentativa de decifrar códigos de coesão na Grécia e Roma Antiga. Em 2015 recebeu o prêmio *Anneliese Maier Researche Prize of the Humboldt Foundation*, um dos prêmios mais importantes do mundo na área das ciências humanas e sociais. Em 2018 foi eleito para a *Royal Society of Canadá*, organização de cientistas e eruditos notáveis do Canadá. Clique aqui para acessar o seu último livro intitulado: *Localism and the Ancient Greek City-State* (Chicago, 2020): <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/L/bo51203532.html>.

Dossiê

1) *Questões sobre a chamada “globalização” no mundo antigo estão cada vez mais ganhando espaço nas discussões atuais em pesquisas na área. Porque esta abordagem é tão importante nos estudos com antiguidade? Em que momento o tema se tornou relevante para a sua pesquisa?*

A globalização não apenas mudou nossas vidas, mas também alterou e continua a alterar a nossa compreensão sobre os processos históricos. De fato, a onda de estudos sobre conectividade e trocas de rede no antigo mundo



Mediterrâneo trata-se de uma verdadeira mudança de paradigma nos Estudos Clássicos. O veredicto de Albert László Barabási¹ de que tudo está conectado a tudo o mais, e que a conexão importa, chegou totalmente ao nosso campo. Ao longo do caminho, os estudiosos estabeleceram uma poderosa estrutura teórica que torna os princípios da globalização significativo para os estudos da antiguidade grega e romana. Em ambos os casos e, com certeza, sob diferentes premissas, a exploração de intercâmbios socioculturais e econômicos no Mediterrâneo, fundamentada na distinção de tempo, lugar e cultura, produziu um avanço do conhecimento que é tão extenso quanto empolgante. Noções de interação regional, em particular a ideia de federalismo, sempre foram o cerne de minha pesquisa. Quando me mudei para o Canadá em 2005, minha perspectiva pessoal do mundo mudou profundamente. Acidentalmente, esse também foi o momento em que a pesquisa sobre globalização ganhou velocidade, visivelmente. Eu acho que meu primeiro encontro com o tópico foi inspirado tanto pelas mudanças acadêmicas quanto por minha experiência pessoal.

2) *Qual é o cerne da discussão do Projeto “Parochial Polis. Localism and the Ancient Greek State”? Qual a importância de se pensar localismos no Mediterrâneo?*

Tornou-se moda estudar os modos de interconectividade no mundo antigo. O interesse recente em teorias de rede, alimentado pela comunicação das mídias sociais na internet, acrescenta muito a essa abordagem. A polis paroquial busca focar no outro lado da hiperconectividade. Como as sociedades políades reagiram às mudanças no mundo ao seu redor? O local oferece uma perspectiva crítica, talvez imperativa da história grega, que funciona como um complemento à noção de conectividade e integração. Na verdade, acho que é uma das principais características da cultura grega, que oscila entre valores universais e manifestações locais – por exemplo, na política, cultura material e religião. Olhando para o último: expressões locais da religião grega têm sido frequentemente entendidas como idiosincrasias ou desvios do paradigma universal. Isso é um pouco equivocado, eu acho. O horizonte local não é um desvio do roteiro geral, mas o contrário, é o roteiro geral. A cultura grega é uma cultura epicórica. De certa forma, perdemos de vista isso em conversas sobre redes distantes e expressões chamativas de conectividade.

1 Albert László Barabási é um físico húngaro-americano nascido na Romênia, mais conhecido por seu trabalho na área de teoria das redes.



3) *Qual a diferença entre global e local nos estudos sobre antiguidade? Como estas categorias são pensadas como conceitos aplicáveis para os estudos de pólis grega? Quais as implicações quando se pensa em redes e hiperconexões no Mediterrâneo?*

As abordagens da história das sociedades pré-modernas através das lentes da ciência das redes globais tornaram-se imensamente influentes. No estudo do antigo Mediterrâneo (grego), a noção de globalização tornou-se um paradigma relevante. Pesquisas recentes demonstraram como, desde o período arcaico, a mudança de horizontes de engajamento criou um novo tipo de convergência helênica na bacia do Mediterrâneo. Nessa abordagem, o Mediterrâneo é uma unidade analítica e um pano de fundo para a investigação, que deu origem ao rótulo mediterraneização - um termo incômodo, com certeza, mas a ênfase no processo e não no Mediterrâneo atemporal é importante. A mediterraneização pensa através do óbvio, isto é, que culturas limitadas e localmente codificadas nunca são primitivas, mas energizadas por conexões próximas e distantes. As evidências materiais destacam essas conexões e sua ressonância nas práticas cotidianas: por exemplo, na obtenção de matérias-primas, no desenvolvimento de artesanato, na troca de objetos e no consumo conspícuo de mercadorias importadas. Com base em leituras avançadas de materialidade e seu envolvimento com a prática humana à medida que decorre da Teoria Cultural, os estudos de mediterraneização lançam uma nova luz sobre como as pessoas na antiguidade greco-romana experimentaram o mundo e como essa experiência foi moldada por atividades interconectadas em alto mar.

4) *Como podemos relacionar o neologismo “glocalismo” com o global x local e como podemos aplicar os conceitos para o caso das pólis do Mediterrâneo?*

Lembre-se de que a limitação local era uma parte importante da mistura. De fato, a mediterraneização sugere que as inter-relações entre culturas limitadas estavam tão profundamente enredadas que isso alterou o binário convencional do local e do global. Cada extremidade do binário se infiltrou na outra, ambas estavam entrelaçadas; e a relação foi exposta à adaptação acelerada e mudanças ao longo do tempo. Foi assim que, e porque a palavra glocal entrou no debate, que se tornou tão proeminente nas pesquisas recentes em ciências humanas e sociais. De acordo com o ciclo convencional de sinergia de ideias entre o local e o global, a globalização desencadeia uma crescente sensação de desconexão do local, ou deslocalização. Isso alimenta uma nova necessidade de localidade; além de seu significado casual de ter uma localização, o termo denota os padrões de longa data que emergem da associação com o local, incluindo todas as expressões da cultura local, produção de conhecimento



e convicção comunitária, cada qual com o seu horizonte local. Em sua variante mais imediata, essa necessidade de localidade inspira o sentimento de localismo, ou seja, uma mentalidade que prioriza a soma dessas expressões e experiências locais sobre fontes alternativas de significado de fora da comunidade. O localismo, por sua vez, desafia os princípios básicos da globalização. 'Glocal' indica que as rotações neste ciclo acontecem de uma só vez, sinalizando uma hibridização das maneiras pelas quais as práticas socioculturais existentes são recombinações com novas formas e novas práticas.

5) *A chamada hiperconectividade está em voga em diversos debates e reflexões nas áreas de ciências humanas, biológicas e exatas. Quais as implicações teóricas e/ou conceituais quando se trata de voltar-se para o local?*

Estou começando a perder o controle de abordagens conceituais sempre novas para a globalização e o global no mundo antigo. É intrigante ver que o local recebe quase nenhuma atenção nessas conversas. Geralmente considerado como um local confinado com significado e relevância limitados, seu papel é reduzido para servir como uma plataforma do processo de globalização para se desenvolver e se transformar em constelações da vida real. Além da visão tradicional que vê o local como um atributo, que encontramos em tantas manifestações de fato, existe uma vasta gama de estratégias implícitas que refletem e, por sua vez, inspiram o mundo local. Local, nesse sentido, não é apenas um significante de conteúdo e prática cultural, mas uma quantidade fundacional. Se explorarmos o local com o mesmo rigor aplicado ao global, suspeito que nossa investigação mergulhe rapidamente em uma busca por esse quadro profundo do local e pela normatividade que empresta à agência humana. Houve avanços acadêmicos em disciplinas e campos que são amplamente segregados e frequentemente compartimentados. Uma abordagem integrada para uma sociologia abrangente do local ainda está por vir

6) *É possível trabalhar o mundo antigo de maneira interdisciplinar? Como? No Brasil temos ainda uma resistência em tratarmos de temas de alta complexidade (como é o caso da globalização) em escala interdisciplinar. Como você observa estas questões nas Universidades europeias como um todo?*

Sim, multidisciplinaridade é precisamente o que eu tinha em mente aqui. A exploração do local só pode ser proveitosa se for realizada de uma maneira decididamente interdisciplinar e internacional – ou global, perdoe-me o trocadilho. Por exemplo, os avanços na conceituação de espaço e lugar,



efetuados pelo que foi recebido como a virada espacial, se baseiam em uma ampla variedade de disciplinas, incluindo arqueologia, sociologia e história. O mesmo vale para a pesquisa sobre bairros e seu papel no processo de estratificação local. O que eu achei mais empolgante no meu esforço interdisciplinar até agora foi o meu intercâmbio com colegas em Neurociência. A neurociência cognitiva demonstrou como a cognição de lugar está sujeita ao disparo da chamada grade ou de células na área do cérebro em que a memória e a navegação estão localizadas. Os ganhadores do Prêmio Nobel de 2014 descobriram as chamadas células da grade na seção do cérebro que se preocupa com a orientação do local. Eles traçaram um padrão no disparo dessas células do local à medida que os animais de teste se movem pelo local. Os traços do padrão se assemelham a uma forma geométrica quase perfeita (uma estrutura hexagonal), que sugere uma matriz de navegação inata. Saudado pelo Comitê Nobel como a descoberta de um “GPS interno” no cérebro que torna possível nos orientar no espaço”, o trabalho da equipe de pesquisa é um passo marcante na decodificação da consciência espacial. A descoberta do GPS cerebral promete uma nova visão sobre a cognição dos ambientes locais e a interação entre o código neural da experiência do lugar e os estímulos extrínsecos. Nesta conjuntura frutífera das Neurociências e Humanidades, o local tornou-se uma esfera de intensa fusão de códigos e cultura neurais.

7) É possível pensar modelos da modernidade nas dinâmicas sociais, políticas e culturais de sociedades antigas? Poderia nos contar um pouco sobre o Projeto “Global Antiquities” (Yan P. Lin Center, McGill University), quais os seus objetivos, contribuições e relevância para as novas correntes de pensamento nos grandes centros acadêmicos mundiais?

Absolutamente. Certamente não sou modernista no senso comum da palavra - modernidade não é um valor de auto-evidência, especialmente não para o historiador que explora as profundidades cronológicas da modernidade. Ao mesmo tempo, estamos todos enraizados nas constelações reais da presença. Não é de surpreender que a pesquisa sobre invectividade e informações falsas ativas de pessoas na Antiguidade seja atualmente tão proeminente. Entre os muitos desenvolvimentos em nosso mundo global, está a crescente necessidade de um novo tipo de significado cultural. Em muitas universidades da América do Norte, os cursos de Civilização Ocidental já deram lugar a ofertas que aplicam uma abordagem mais multifacetada da história, sociedade e cultura. No entanto, é apenas gradualmente que chegamos à conclusão de que a atual renegociação de conceitos e conteúdos também requer uma nova abordagem em relação aos fundamentos culturais da sociedade humana. Na McGill, tive

a sorte de estabelecer, junto com um codiretor e um vibrante conselho de colegas e estudantes, um grupo de pesquisa que responde a esse desafio. O Global Antiquities foi projetado como um mecanismo acadêmico que nos ajuda a ser pioneiros nas conjunturas da reflexão cultural atual.



Tradução: Juliana Figueira da Hora